

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO DE VASCONCELLOS

ASSIGNATURAS

Um anno	1\$200 réis
Seis meses	600
Para o Brazil, por anno	2\$000
Para a Africa, por anno	1\$200
Numero avulso	30

Annuncia-se as horas das quaes se receba 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Composição e impressão na typographia de

Antonio de Vasconcellos

Administração—RUA DA AGUA

FIGUEIRO DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha	40 réis
Repetições	80
Imposto do sello	10

Originacs sejam ou não publicados não se restituem
Annuncios permanentes e communicados
preço convencionado.

A SITUAÇÃO POLITICA

Segundo tudo está demonstrando, segundo as ameaças que os partidos fazem uns aos outros, os antigos processos voltarão a ser postos em pratica, sem a minima attenção com a opinião publica e com os interesses do paiz.

Não se trata senão da má politica; tudo se sacrifica a melindres pessoas, a odios partidarios, a intransigencias rancorosas. Não se pergunta se o novo governo se apresenta com vontade de trabalhar, de promulgar providencias e reformas que levarem a nação do estado de abatimento em que se encontra. Não; o que se trata é de procurar um meio rapido de o derrubar, soffra quem soffrer, succumba quem succumbir.

Que importa que o nome e o credito do paiz sejam arrastados pelos estranhos e envolvidos no tremedal a que lançam as nações que não sabem governar-se? Que importa que tão nociva politica atrophie todos os ramos do trabalho nacional, mantendo o mal-estar que há muito se sente e paralysa o desenvolvimento da riqueza publica? Que importa que a propria nacionalidade portugueza venha um dia a succumbir diante de tanto desatino e desvairamento?

Para os politicos tudo isto não tem significação alguma. Acima dos interesses primicias do paiz estão as suas paixões, as suas conveniencias, as suas tristissimas luctas. O vento da loucura não os abandona; são lufadas ardentes que vão tornando a politica portugueza arida e ruim em todos os sentidos.

Devido aos excessos partidarios, as crises ministeriaes chegam a ser quasi insolueis. Os homens que tentam formar um governo viavel sentem-se embaraçados perante as ameaças contra elles proferidas. O bom senso como que desappa-

receu para sempre d'esta boa terra portugueza; implantou-se a anarchia e é esta que reina em absoluto, não se sabendo até onde chegará com os seus desmandos.

A actual politica portugueza manifesta-se unicamente pelas suspeições, pelas invectivas e pelo insulto até. E' agitada, ruidosa e tumultuaria, offerecendo a verdadeira imagem da confusão. Está envolvendo o paiz nas mais densas trevas, na mais profunda escuridão, na mais sombria noite. E tudo por causa dos ambiciosos, de todos esses politicantes que tripudiam com o mal e que, sem nenhuma facultades moraes, se regosijam com a ruina da propria patria.

Diz-se que ao novo governo succederá o mesmo que ao seu predecessor. Não duvidamos que assim succeda, visto que o chamado *bloco* está resolvido a empregar os mesmos processos com que derrubou o ministerio Campos Henriques. E' impossivel resistir-se a uma opposição tão tumultuaria nos seus actos e acções.

Entretanto digamos sempre que o *bloco*, embora não pense assim, está brincando com o fogo. Abriu uma porta que os seus inimigos não deixarão de aproveitar, quando se lhes offereça occasião favoravel para isso; estabeleceu uma situação politica intoleravel, que está revoltando a parte sensata da nação.

Como succede em tudo que é politica, ha de reconhecer o erro, mas tarde, quando nada poderá remediar. A revolta nos espiritos contra este estado de cousas é geral e essa revolta ha de forçosamente produzir efeitos consentaneos com a vontade dos que desejam vêr Portugal completamente libertado da má politica.

Similhante situação não pôde continuar. Politica de governos ephemeross será excelente para os ambiciosos, mas nunca para o povo que trabalha e quer a prosperidade da

patria e não a sua ruina—unico objectivo dos politicantes.

Procissão da Ressurreição

Realizou-se no domingo ultimo esta procissão, que foi imponente, incorporando-se n'ella as pessoas mais gradas da terra.

Prêgon o sermão da Ressurreição o muito Reverendo Prior da freguezia d'Arêga, que produziu uma oração digna de todo o elogio.

A philarmonica Figueiroense acompanhou a procissão, confirmando mais uma vez os seus justos creditos.

Visitantes illustres

No sabbado ultimo estiveram algumas horas n'esta Villa, os Excelentissimos Senhores:

Dr. Egas Moniz, com sua esposa e encantadora sobrinha; Dr. Baratta, sub-inspector em Covilhã, com sua esposa; Dr. Alberto Rego e esposa; Dr. Antonio Augusto da Costa Simões Canova, sua interessante filha e filhos Antonio e Joaquim e o Sr. Visconde de S. Thiago da Guarda.

Suas Ex.^{as} foram em dous autos-moveis visitar a ponte do Cabril, partindo quasi á noute para Chão de Couce aonde foram jantar.

Theatro

No dia 11 e 12 do corrente tiveram logar, como havia-nos annunciado, as recitas dadas pelo grupo de Sernache do Bonjardim no theatro do Club Figueiroense.

Subiu á scena a opereta em 3 actos—*O Valle d'Andorra*—, arranjo do nosso presado amigo Sr. Dr. Abilio Marçal, digno presidente d'aquelle grupo, com musica do Sr. D. Alvarimha, ex-regente da philarmonica de Sernache e as cançonetas *Desgostos da creada* e *Se eu fóra rapaz!* . . .

Todo o scenario, adreços e guarda-roupa é propriedade do grupo e de muito bonito effeito.

A opereta tem um enredo engraçado e a musica é bem adequada ao assumpto.

A orchestra era composta de poucos instrumentos, mas satisfez.

Foram duas noutes de enthusiasmo. O salão do theatro teve em ambas as noutes um verdadeiro effeito, vendo-se alli tudo quanto ha de mais distincto na nossa sociedade.

O grupo dramatico Sernachense foi alvo da maior sympathia durante

a sua curta estada n'esta Villa, recebendo de todos os seus habitantes sinceros agradecimentos pela honra da sua visita.

Ha muitos annos que os nossos vizinhos de Sernache do Bonjardim tomam parte nas nossas alegrias e tristezas, vivendo os dous povos na mais intima convivencia e diligenciando ambos que os poderes publicos ultimem os trabalhos da estrada n.º 123, para mais facilmente poderem manter as suas relações particulares e commerciaes sem o perigo da travessia do rio Zezere, em uma barcaça, que lhes põe em risco a vida, muito principalmente no tempo d'inverno.

Oxalá que em breve vejamos satisfeita tão justa aspiração, para que, com mais frequencia, tenhamos o gosto de abraçar tão bons amigos, aos quaes nos ligam interesses reciprocos.

NOTICIARIO

Já regressaram a recomeçar os seus trabalhos escolares em Coimbra, os nossos amigos estudantes, que vieram passar as ferias da paschoa n'esta Villa.

Tambem já recolheram aos respectivos Collegios e Escola Normal as Sr.^{as} D. Beatriz d'Araujo Lacerda, D. Alda Godinho e D. Amelia Agria.

Já foi para Vizeu a interessante filhinha do digno Juiz de Direito d'esta Comarca o Ex.^{mo} Sr. Dr. Antonio Pereira de Castro e Solla.

Esteve esta semana entre nós a familia do nosso amigo e assignante Sr. José Custodio Vidigal, de Pedrogam Pequeno, que já reco'heu a Coimbra.

Tambem vimos n'esta Villa os nossos amigos Srs. João Manso d'Oliveira Moraes, proprietario da freguezia d'Arêga e seus trez filhos, João, Accacio e Romão.

E' esperado muito breve n'esta Villa o nosso amigo e assignante o Sr. Manuel do Carmo.

Já se encontra restabelecida dos seus ultimos incommodos a esposa do nosso velho amigo Sr. Abilio Simões d'Abreu.

Na semana proxima finda tivemos o gosto de abraçar n'esta Villa o nosso dedicado amigo, Sr. Antonio Fernandes de Souza Ribeiro, honrado commerciante de Chão de Couce.

Congresso

Partiu no dia 14 para Lisboa, a tomar parte no congresso municipal promovido pela Camara d'aquella cidade o Sr. Dr. Manuel de Vasconcellos, presidente da Camara municipal d'este concelho.

Agradecimento

O grupo dramático de Sernache do Bom Jardim, ao chegar áquella bonita terra, de regresso d'esta Villa, dirigiu á Direcção do Club Figueiroense e grupo dramático, os telegrammas que abaixo transcrevemos:

«Sernache, 14.—Ex.^{ma} Direcção do Club—Figueiró Vinhos.—Vivamente reconhecidos reiteramos nossos agradecimentos e em V. Ex.^{as} saudosamente cumprimentamos os amáveis vizinhos. Até Ca.—Grupo Dramático.»

«Sernache, 14.—Grupo Dramático—Figueiró Vinhos.—Os do Valle d'Adorra saudam mui affectuosamente tão amáveis hospedeiros: e cá os aguardam em breve.—Syndico, Alegria, Marcello, Julião, Victor, Thezeza, Luiza, Maria, Rosita, ponto, Maestro.»

«SOCIEDADE PHILARMONICA FIGUEIROENSE»

A direcção d'esta sociedade, tendo já prompto o novo fardamento para os seus philarmonicos, roga a todas as pessoas que já subscreveram com donativos, mas ainda os não entregaram, e a todas as que desejem contribuir, a fineza de os entregarem ao seu presidente—Samuel de Lacerda e Almeida, d'esta Villa.

Relação dos donativos já recebidos para o novo fardamento

Transporte.....	188\$600
Ex. ^{ma} Snr.:	
Dr. Manuel de Vasconcellos	13500
Rev. ^{mo} Manuel Mendes Gaspar—Chão de Couce	25300
Augusto d'Araujo Lacerda	25000

Somma R.^a..... 197\$600

(Continúa).

FOLHETIM

COMO SE AMAVAM!

III

Quando chegaram a casa, tristes, abatidos e fatigados, D. Felicia disse ao marido com accento alterado pela emoção:

—Lembras te, Paulo, quando elle brincava á cabra cega com o teu lenço?

—Se me lembro!... Só em lenços rasgou-me e poz em farrapos mais de quatro duzias!

—Pobre animal! suspirou D. Felicia do Sagrado Coração—Nem sei como sinto o meu coração!

—E se o não tornamos mais a ver, Felicia!...

—Nem digas isso, homem! Não o tornar mais a ver!...

—A's vezes...—tartamudeou Paulo.

E acrescentou depois de alguns momentos de silencio:

—Sabes, Felicia, que estou com vontade de comer! O passeio enorme que fomos obrigados a dar...

—Sim, sim; tambem estou com algum apetite.

—Não admira, quando se anda muito como nós andamos...

—E que queres para o jantar, Paulo?

—O que entenderes, Felicia.

A MENTIRA

Não pense o leitor que vamos tratar d'esse acto psychologico a que se dá o nome de mentira.

Já ha muito que se sabe ser a mentira um dos vicios mais vis da humanidade, a sua mancha mais negra, mas o que é verdade é que a humanidade não se emenda e que, paraphraseando Calderon, a vida continua sendo uma completa mentira.

Pois bem, querem os leitores saber uma cousa? Dous psychologos descobriram ultimamente um apparelho que permite descobrir ou desvendar a mentira.

Este descobrimento produziu em todos os que tem por vicio mentir uma impressão profunda, tratando de inquirir o que haveria de verdade a tal respeito. Do inquerito resultou o seguinte:

Os professores Jung e Petersen, o primeiro da Universidade de Zurich e o segundo da de New-York, inventaram um instrumento, o *psychometro electrico* que permite ler o pensamento dos que se submettem voluntaria ou forçadamente á experiencia, ou pelo menos esclarecer o que pôde haver de verdade nos seus dizeres ou afirmações.

O apparelho compõe-se de um galvanometro e de um instrumento que registra as variantes do pensamento e das sensações.

O galvanometro é posto em comunicação com uma lampada cuja chamma sobe ou desce segundo a força da corrente electrica. A altura da chamma é medida em um espelho graduado no qual se reflecte. Ora, para se apanhar as emoções de um individuo, faz-se-lhe collocar uma das mãos em um polo de zinco e a outra em um polo de carvão. Então promove-se uma corrente electrica cuja força varia segundo a intensidade dos phenomenos psychicos que se passam no individuo submettido á experiencia. Quando esse individuo mente a commoção cerebral, causada pelo contraste entre o pensamento e a vontade que faz ex-

primir o contrario da verdade, desenvolve uma corrente mais ou menos forte, cuja intensidade se pôde medir segundo a altura da chamma.

Diante de similhante apparelho, os mentirosos não ficaram muito satisfeitos, sobretudo os que, por circumstancias diversas, negam a pés juntos tanto os pequenos como os grandes delictos.

Como é de crer, não faltou quem tivesse interesse em saber qual o valor scientifico do prodigioso descobrimento. Foram, por conseguinte, consultados alguns sabios, entre elles Paulo Janet, director do Laboratorio central de electricidade, de Pariz e Georges Dumas, professor de psychologia na Sorbonna.

Paulo Janet mostrou-se sceptico, dizendo: «Evidentemente, ha no apparelho todos os elementos constitutivos de uma pilha electrica. Mas que influencia pôde ter o dominio psychologico no galvanometro? É muito difficil de o determinar. As condições physiologicas podem fazer variar o galvanometro; mais ou menos humidade nas mãos, mais ou menos tensão muscular, e eis a corrente modificada. N'estas condições, não é nada facil destrinçar os phenomenos meramente psychicos dos phenomenos physiologicos.»

Quanto ao professor Georges Dumas declarou: «Desconfio muito do apparelho e das experiencias dos professores de Zurich e de New-York e não creio que esteja descoberto o meio de desvendar a mentira.»

Concluiu com estas palavras verdadeiramente significativas:

«De similhante descobrimento adviria alguma utilidade para a humanidade? Acaso a vida seria mais supportavel deixando de se mentir?»

Realmente, pensando bem, os dons illustres homens de sciencia francezes não deixam de ter razão. A mentira nasceu com o homem e, portanto, a vida não deixa de ser tambem uma illusão, ou mais propriamente uma mentira.

Depois do jantar os dous esposos dirigiram-se para o pequeno salão, assim de tomarem alli o café. Quando entrou a creada de sala com a bandeja e as chavenas, disse a D. Felicia, baixando um pouco a voz:

—Eu queria dizer duas palavrinhas á senhora...

—E porque não as dizes, Maria? Estás com pejo de meu marido? Pôdes falar á vontade. Que ha?

—E' que n'esta occasião offerecem-me uma boa arrumação e, portanto, se a senhora tem de me mandar embora...

—Como! Mandar-te embora!... Mas quem pensou n'isso? Por enquanto não tenho razões de queixa contra ti...

—Não é isso, minha senhora. Sei perfeitamente que não tem contra mim razão de queixa, mas como a senhora e o sr. Manso falaram tantas vezes em que, logo que faltasse o cão...

—E' que tem que falte o cão ou deixe de faltar?—exclamaram os dous esposos ao mesmo tempo.

A creada de sala não sabia o que havia de responder. Indecisa, verdadeiramente enleada, limitou-se a dizer com accento algum tanto tímido:

—Com que então Vossa excellencia não me manda embora?

—Com certeza. Se tivesse razões

Abstracções

Passando S. Pedro um dia
Por um pobre paralytico
Que a mirrada mão estendia
Ao franco como ao somytico:

O Sancto que não teria
Nem para si o precizo,
Mas que esmolal-o queria,
Fitando-o, lhe diz concizo:

«Não tenho prata nem oiro,
«Mas do que tenho te dou»:
E logo o maior thezouro
D'este mundo lhe entregou:

«Ergue-te e anda», ordenára
Em tom de quem imperava:
E o paralytico andara
Tão bem como antes andava:

E de joelhos cahindo,
Bem diz o seu curador;
E lacrimando e sorrindo,
Da graças ao Criador.

E' que tamanho thezouro
Se não havia por oiro!...

Escolas interessantes

Ha em Pariz uma escola onde se ensina aos empregados do commercio a lingua ingleza e até as maneiras e costumes dos inglezes.

O motivo d'esta lembrança está na resolução que os francezes tomaram entre si de só usarem chapéus, luvas e botas fabricadas em Inglaterra.

Ha tambem escolas para creadas de servir estabelecidas em varios paizes. N'essas escolas ensina-se inglez, francez e allemão, bem como os deveres d'uma boa creada de servir, taes como:—arranjo de quartos, trabalhos de cosinha, etiquetas de servir a mesa, modo de servir o vinho, de dobrar guardanapos etc.

Em Inglaterra ha um collegio de meninas, onde se não aprende grammatica nem lições, nem quaisquer outras disciplinas correntes nos demais collegios; mas sómente aprendem a jogar! Passam o tempo a jogar com trajes simples e leves. Esta aprendizagem não tem outro fim se não crear mulheres fortes e perfeitas sob o ponto de vista physico, pois todos os jogos que no estabe-

de queixa contra ti, essa pergunta ainda se admittia; mas assim, sem mais nem menos...

—Está bem, minha senhora; nem mais pense em similhante cousa.

No dia seguinte bateu á porta da casa um individuo que perguntou:

O sr. Paulo Manso está?

—Sim, senhor.

—Posso falar-lhe?

—Tenha a bondade de dizer quem é.

—Sou o inquilino da casa que o sr. Manso me alugou.

Momentos depois a desconhecido estava no gabinete, na presença de Paulo Manso, a quem disse:

—Venho lembrar ao sr. Manso que o aluguel da casa termina d'aqui a tres mezes e se por acaso tentam levar por diante o seu intento...

—Que intento?

—Como desejo saber a quem hei de pagar o aluguel...

—A quem ha de pagar!—exclamou Paulo Manso com espanto.

—Como deixaram de ter o cão...

—Mas que lhe importa que tenhamos ou não o cão?—disse Paulo irritado—O alugel da casa paga-o como tem pago até aqui. Adeus!... Não deixe de fechar as portas, pois minha esposa está constipada e as correntes de ar não são grande cousa.

(Continúa)

lecimento praticam só podem considerar-se como exercícios gymnásticos.

Em contrario d'estes uteis estabelecimentos ha outros que só servem para a destruição da humanidade.

Ha uma escola na cidade de Chatham aonde se aprende a fazer ir gente pelos ares por meio de minas carregadas de dynamite e outros explosivos lenticos. Ha n'esta escola collecções completas de pontes, tunneis, vias-ferreas, etc. em estado de destruição!!

Puna-se o crime!

E' raro, rarissimo até, o dia em que os jornaes não accizam assassínatos e roubos á farta «n'este jardim á beira-mar plantado», assim como em toda a parte—mais ou menos povoada—«d'este globo de Ceres e Neptuno»!

Mas tractemos de nós:

Ainda não ha muito que em Lisboa «um bom espozo» mimozeára a espoza com 22 navalhadas, pelo simples facto d'esta lhe não fornecer quanto dinheiro elle queria para a «bella vida» da Moiraria e d'Alfama!

Ainda ha pouco que na freguezia d'Aguda d'este concelho um «bom aró» matára ou acabára de matar—o que ainda não foi averiguado no tribunal—uma netta, criança de 6 annos, para se vingar do pae—seu genro—com quem andava mal por infamias suas: isto é, praticadas por elle assassino!

Ainda ha dias que em Ulyssipo, um tunante recémchegado das Terras de Santa Cruz, cadaverizára uma pobre meretriz—que linda palavra!—ou uma d'essas innumerabilissimas victimas do liberalismo brincalhão, só para se apoderar d'umas tristes migalhas d'ouro que a desgraçada trazia ao pescoço e nas orelhas!

Ainda ha pouco que ali para os lados da Lourinhan, um «bom filho» matára o pae a tiro, por este o reprehender—talvez pela millesima vez—da má vida que levava!

Ainda ha dias que ali para Pedrogam Grande algures, um «bom sogro» tirára os olhos ao genro com um tiro de chumbo que ia para o matar, pelo simples facto d'este o ameaçar por elle lhe andar a reseduzir a mulher que—em solteira—havia tido um filho do infame!

E não enumerá nos mais porque não vale a pena. E não vale a pena porque, nem nos nossos Códigos ha leis que taes crimes punam—porque o degredo para Africa não é castigo,—nem no nosso paiz—ao que parece—ha homens para as fazer decretar!

Não saberão os nossos homens grandes, os nossos sabios legisladores, que ha tanto infeliz que—para se transportar a Africa para alli ganhar alguns vintens ou por lá ficar—hypothecca a pobre cazinha em que vive?

E não saberão tambem que muitos degredados de lá teem voltado—não diremos ricos—mas remediados?

Sabem, sabem. E, se o não sabem, deviam sabel-o.

Logo, o degredo para as nossas possessões á solta, ou para alli se

tractar da vida muito melhor que aqui, não é castigo, mas sim beneficio. E beneficio escandalozo, porque «Quem quer viajar de graça, ageride ou mata na praça»!

Eia pois, senhores homens grandes, de duas uma: Ou rasgae o Código Penal por inutil, ou puni o grande Mal que á pernicioza sombra do liberalismo ou «licença para tudo», por toda a parte campeia impune, espalhando quotidianamente o escandalo, a infamia, o vicio, a morte e o roubo!

Sim, eloquentissimos oradores e sabios legisladores, ou reformae o Código Penal em harmonia com a perversidade e hediondez do crime commetido, ou o rasgae para que cada um defenda a sua justiça!

Mas não penseis, senhores, que vos pedimos a Guillotina franca, a dególa da grande Republica franceza, porque isso seria um barbarismo liberrimo!

Não, senhores, nós pedimos menos e melhor: Pedimos unicamente para os crimes correspondentes á turricissima pena de morte, o degredo perpetuo n'alguma das nossas possessões ultramarinas, mas com trabalho e grilheta tambem perpetuos.

Já vedes, senhores legisladores, que não pedimos muito, porque não queremos a dególa franceza.

E para os crimes correspondentes a prizão correccional no reino—quando esta exceda a 8 dias—tambem pedimos trabalho na localidade, para que os delinquentes ao menos saibam que foram punidos; porque, infractor s ha que uma vez prezos, mais lhes custa a sahida do que a entrada, como por exemplo aquelles que nada pagam por nada terem, e que porisso mesmo alli comem socegadamente á custa dos que trabalham.

E ponto.

—Prégamos no deserto, bem sabemos; mas como a «justa punição do crime» é joia que só pode desagradar ao anarchismo e aquelles libralões que—tendo subido ás nuvens—de lá não podem nem querem prestar attenção a ninharias d'esta ordem, que ao menos os contros, que são como que as pedrinhas dos valles, nos oigam para que um dia mais tarde lhes possam contar o que ouviram.

L. Mulheiros.

Mais vale a mentira que moraliza do que a verdade que scandaliza.

A. d'Almeida.

SECÇÃO HISTORICA

D'OS «FRADES»

DE

JOÃO DE LEMOS

«Excerptos»

Tambem cá observámos que depois d'abatida a «mendicidade legal», como lhe chamam, a pobreza cresceu espantozamente; e os inimigos dos frades tornaram-se tambem inimigos dos pobres, sem lhes dizerem em que se hão de empregar.

Na Inglaterra, depois de extinctos

os frades, começaram a apparecer leis rigorozas contra os mendigos.

Henrique VIII permitiu ás auctoridades o cortarem um bocicado de orelha aos que continuassem a pedir; e Eduardo VI os mandou marcar com ferro candente e reduzir á condição de escravos, podendo os seus senhores pôr-lhes coleira de ferro e dar lhes só pão e agua.

No tempo dos frades eram n'os mendigos tractados com caridade.

A mendicidade ha de sempre existir, principalmente quando as corporações religiosas a não aliviarem. Já ninguem aqui vê um frade mendicante com a sacola: mas apenas acaba uma rebellião ou um «pronunciamento», como por decencia lhe chamam, apparece uma corporação de «mendicantes» com o titulo de «victimas dos ultimos acontecimentos»; não repetem orações como os frades, mas rogam pragas a quem os não favoreca.

XIV. Continúa.

O maior mal da descrença, semicrença ou indiferença religioza, que é talvez a peor das trez, não é só o não ler, como alguns dizem, senão tambem o não ler o que deve nem prestar a devida attenção ao pouco que por accazo lê ponderando-o bem, como lhe cumpria.

A. d'Almeida.

—Porque estás zangada, Maria?
—O' minha senhora, é porque a agua está fria.
—Que agua, mulher?
A agua quente.

ANNUNCIOS

Editos de 30 dias

(1.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Figueiró dos Vinhos, e cartorio do escrivão do 1.º officio, correm editos de trinta dias, citando Carlos Ignacio Lameiras, filho de José Ignacio Lameiras e de Maria da Piedade, da Castanheira de Pera, auzente em parte incerta afim de no decendio que será contado passados trinta dias posteriores aos editos pagar ao Estado a quantia de trezentos mil reis por ter sido julgado refractario ou nomear a penhora bens sufficientes para tal pagamento e custas feitas e a fazer sob pena de revelia.

Figueiró dos Vinhos, 2 de março de 1909.

Verifiquei:

O Juiz de Direito
Pereira e Solla

O Escrivão
Joaquim F. de Campos Jardim

Editos de 30 dias

(2.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Figueiró dos Vinhos e cartorio do escrivão Jardim, correm editos de trinta dias a contar da ultima publicação citando Manuel d'Almeida e

sua mulher Etelvina, moradores em Lisboa em parte incerta, para sob pena de revelia, assistirem a todos os termos do inventario orphanologico a que se procede por morte de seus paes e sogros Antonio d'Almeida e mulher Vicencia Rosa, que foram do Romão, freguezia de Pedrogam Grande.

Figueiró dos Vinhos, dois de abril de 1909.

O escrivão do 1.º officio
Joaquim F. de Campos Jardim.

Verifiquei.

O Juiz Presidente,

Pereira e Solla.

Editos de 30 dias

(2.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo de Direito da comarca de Figueiró dos Vinhos e cartorio do escrivão do 2.º officio, correm editos de trinta dias, citando o manco refractario Germano Rodrigues Searas, filho de José Rodrigues Searas e Maria da Piedade, natural de Dordio, para no praso de dez dias, decorrido que seja o praso dos editos, pagar a quantia de 300.000 reis, ou nomear bens sufficientes á penhora, sob pena de se devolver o direito de nomeação ao representante da Fazenda Nacional, exequente, e isto nos autos d'execução que esta lhe move.

Figueiró dos Vinhos, 11 de março de 1909.

Verifiquei.

O Juiz de Direito

Pereira e Solla.

O Escrivão

Joaquim Antunes Ayres Buraca.

Editos de 30 dias

(2.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo de Direito da comarca de Figueiró dos Vinhos e cartorio do escrivão do 2.º officio, correm editos de trinta dias, citando o manco refractario Alfredo Nunes, filho de Domingos Nunes e de Benedicta Maria, natural do Villar, para no praso de dez dias, decorridos que sejam trinta dias depois de finitos os dos editos, pagar a quantia de trezentos mil reis, ou nomear bens sufficientes á penhora, sob pena de se devolver o direito de nomeação ao representante da Fazenda Nacional, exequente, isto nos autos d'execução que esta lhe move.

Figueiró dos Vinhos, 11 de março de 1909.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Pereira e Solla.

O Escrivão,

Joaquim Antunes Ayres Buraca.

ANNUNCIO

(2.ª publicação)

No dia 25 de abril proximo por 12 horas do dia á porto do Tribunal do Commercio d'esta Comarca

se hão de arrematar em hasta pública a quem maior lance offerecer todas as dividas activas da massa fallida do Visconde da Castanheira de Pera e que são postas em praça sem valor algum.

São citados quaesquer credores incertos.

Figueiró dos Vinhos, 19 de março de 1909.

O Escrivão

Joaquim F. de Campos Jardim.

Verifiquei:

O Juiz Presidente

Pereira e Solla.

Acidez do azeite

Analysa-se e vendem-se aparelhos de todos os systemas e respectivos reagentes. Desconto a revendedores.

PHARMACIA--MEDEIROS

— AVELLAR —

Deposito de corças, fitas, letras e franja dourada, para funeraes

Fazem-se dedicatorias com rapidez. Preços convidativos. Pedidos a

José Miguel Fernandes David

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

PÃO DE LÓ

DA FABRICA DE

SANTO ANTONIO DOS MILAGRES

DE

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

E' uma especialidade que não tem competidor no nosso paiz.

Pedidos directamente á fabrica.

LATOARIA

E

CALDEIRARIA CENTRAL

MIGUEL HENRIQUES FERNANDES

com

OFFICINA DE LATOARIA E CALDEIRARIA

Encarrega-se de todos os trabalhos concernentes a estes dois ramos de industria, para o que tem pessal habitado.

Preços modicos

Rua Everard, 103—105

THOMAS

RELOJOARIA BARROCAS



FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Bom sortimento em relógios de meza e parede; relógios mourês de pesos com figura na pendula; despertadores desde 500 reis.

Relógios de bolso, boas marcas—Vulcain Longines Civel Cronometro Naval e outras marcas, garantidos por um e dois annos.

Machinas de costura de diferentes marcas, e todas as peças pertencentes a estas machinas.

Cordões, correntes, argolas, brincos, botões, cruces, fios, alfinetes, anéis e berloques de ouro e prata.

Compra e recebe em troca ouro velho, moedas de ouro antigas ou modernas.

Concertos garantidos em relógios, machinas fallantes, caixas de muzica e objectos de ouro e prata.

Largo da Praça

(em frente da igreja)

Mamel Coelho Fernandes David.

ADUBOS CHIMICOS

DA CASA

Henry Bachofen & C.

DE LISBOA

▲ mais importante fabrica do paiz e unica onde se fabricam superphosphatos

Aos que ainda não tenham applicado os adubos chimicos nas suas sementeiras, pede-se a fineza de informar-se, sobre o resultado obtido com os adubos da casa **Henry Bachofen & C.**

Em Figueiró dos Vinhos—Sr. Manuel Rodrigues Perdigão.

Em Pedrogam Grande—Srs. Dr. Eduardo Magalhães e José Pires.

Em Castanheira de Pera—Sr. Antonio Alexandre Alves Correia.

Em Certã—Sr. David Eunes e Silva.

Em Pedrogam Pequeno—Sr. Família Serra.

Alem de outros competentissimos consumidores.

Todos os pedidos podem ser feitos directamente aos fabricantes, ou ao

Grande deposito em Pedrogam Grande de

Manoel Rodrigues

FABRICA DE SABÃO

EM

PEDROGAM GRANDE

Acaba de ser montada e tem já á venda por grosso, todas as marcas de sabão uzadas até hoje.

Qualidades garantidas a preços resumidos.

Os proprietarios

José Henriques da Silveira & Silva.

ESCRITORIO FORENSE

Rua do Ouro, 170, 2.º

Telephone 2:183. Telegr.º

«Leque»—LISBOA

LEITÃO & ALBUQUERQUE

N'este escriptorio, com a maxima seriedade e brevidade e sob a gerencia do socio Arnaldo d'Albuquerque, solicitador encartado n'esta comarca, se toma conta e dirige qualquer assumpto forense ou commerciar por preços relativamente modicos.

Pleitos judiciais, taes como, habilitações, inventarios, separações, liquidações d'espolios, despejos, etc., e quaesquer demandas em geral.

Recursos, em todos os tribunales superiores.

Pendencias, em todos os ministerios, repartições, despachos ecclesiasticos, legalisação de procurações, certidões e quaesquer documentos estrangeiros e suas traducções ou quaesquer outras.

Recebimentos, de dividas, rendas, fóros, pensões, juros d'inscrições, acções, obrigações, etc., e averbamentos d'estas.

Annuncios para o «Diario do Governo» e todos os jornaes da capital e provincias, reclames, etc.

Encomendas de toda a especie, suas remessas para a provincia, ilhas e colonias.

Assigaturas de quaesquer obras litterarias scientificas e de recreio, tanto nacionaes como estrangeiras.

Administrações de casas particulares.

Representações de casas commerciaes e industriaes nacionaes e estrangeiras.

Sobre a seriedade e competencia d'este escriptorio dão referencia as seguintes casas commerciaes d'esta praça:

Eduardo Martins & C.—R. Nova do Almada, 111 a 213.

Paiva Irmãos—Praça do Municipio, 13, 2.º

Francisco Antunes de Mendonça Sobrinho (Herd.º)—R. da Magdalena, 11.

Irmãos David (Retozaria)—R. Garrett, 112 a 118.

Joaquim Nunes Coelho—R. de S. Paulo, 188.

Joaquim Pires Mendes—R. dos Bacalhoiros, 28.

Jeronimo Martins e Filho—R. Garrett, 13 a 19.

Afonso de Barros & C.—R. Augusta, 72 a 79.

NA LOJA

DOS

QUATRO GLOBOS



FIGUEIRÓ DOS VINHOS

N'ESTE ESTABELECIMENTO encontram-se á venda

camas de ferro a 2\$000,

ditas do mesmo metal (em diferentes feitios), ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colchoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de ma-

deira.—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simentos e gessos (nacionaes e estrangeiros), para estuques.—Grande sortido em armures (pretos e de cores).—Lenços de seda e de lã.—Relógios de meza (affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a boa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda-se em vir acto continuo.

Usae o Fuminol

Contra o vicio do fumar

Em poucos dias desaparece este prejudicial vicio bochechando com o «Fuminol»—que é inoffensivo, não tem mau paladar e é d'um effeito seguro e rapido.

Frasco 400 reis.

Pelo correio 450 reis.

Remmetto-se a quem enviar a

sua importancia á

—PHARMACIA CAMPOS—

Estarreja—Saheu

HOTEL VIZIENSE

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO

Rua dos Douradores, 7—1.º

LISBOA

Este hotel, um dos melhor situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobremaneira, pelos modicos preços, que são 800 reis por dia, bom tratamento e esmerado asseio com que trata os seus hospedes.

Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por 200 reis.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisal-o da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.